

Fui recebido com entusiasmo pelos colegas de Universidade./ Rapidamente fiz entrosamento com o D.A, DCE e com as lideranças do M.E. em Belo Horizonte, como Jorge Batista, Wellington Moreira, Lenine, Ione Grossi, Angelo Pezzuti, Murilo Pinto, Maurício Paiva, Adão, Cássio da Economia, Luizinho do D.A. FAFI, Gil Gal Gonçalves, José Maria Mineiro, João Batista Mares Guia, Paulo Bretas, João Domingos Fassarela, Paulo do PC do B, Pilggoras, Glorinha irmã do Henfil, Marchinha, Lélia Maria Clara A. Pego, Neide Pessoa, Jane, Ricardo Lana, Wellington Moreira Diniz, Manoel Botelho, Jaiminho, Jorge Nahas Sana e tantos outros.

Minha primeira participação foi no Movimento de Excedentes da Faculdade. Foi a maneira que os estudantes que obtiveram pontos suficiente para passar e que foram barrados pela falta de vagas da Faculdade. Eu havia sido remanejado para o curso de Geografia - minha 2ª opção - mas o Diretorio central dos Estudantes, sob o comando do grande líder estudantil Jorge Batista, entrou em nossa briga ajudando e reivindicando nosso direito de estudar.

A luta foi vitoriosa, e foi conseguida a entrada de todos excedentes em todos os cursos da UFMG.

Com a confiança adquirida como operário no campo de luta na USIMINAS rapidamente entresei com os companheiros da Universidade. De pronto relatei que eu trazia de Ipatinga uma missão e a idéia de escrever sobre os acontecimentos que resultaram no massacre de 7 de outubro em Ipatinga.

Um dos colegas, o Gil Gal, também tinha uma série de depoimentos e assim formatamos a matéria.

Logo após a impressão do jornal reuni com os membros do DA e do DCE: Jorge Batista, João Domingos Fassarela, José Maria Mineiro, João Batista Mares Guia, Luizinho, Jorge Batista, Lenine, Wellington Moreira e Gil Gal para montar a estratégia para levar o jornal até Ipatinga e distribuir para os operários da USIMINAS.

Eu tinha conhecimento com a empresa USIMINAS, pois havia trabalhado ali por quatro anos. Sabia que havia um carro malote, que era uma 'station' (tipo de van) que também transportava funcionários administrativos. E assim camuflamos os jornais numa mala para não dar à vista sobre o veículo de comunicação "subversivo" e então viajei para Ipatinga na manhã do dia 13 de junho de 1967.

A missão era arriscada, afinal eu estava usando a estrutura de transporte da própria Empresa para levar um jornal que denunciava a chacina de operários, onde a grande culpa recaía na Usiminas.

No dia 13 de junho de 1967 cheguei em Ipatinga por volta das 12 horas, hora do almoço dos operários. Fui direto para o restaurante "Bandeirão" no Horto, onde avistei-me com vários ex-colegas.

Sem perda tempo distribui sem alarde alguns exemplares do jornal para alguns dos antigos companheiros de minha confiança. Pedi que redistribuissem para outros companheiros.

Na verdade e inconscientemente, eu estava tentando sublimar uma situação onde o meu doce sonho de juventude havia atingido um grau muito elevado na escala dos valores morais.

O momento era grave e exigia isso. Eu tinha consciência que poderia ser executado. Eu dominava isso. Ao mesmo tempo, queria canalizar somente pensamentos bons voltados para o sublime. Fixava meu alvo numa causa nobre. A ocasião me fazia acreditar que havia atingido um estágio inexcelsível, etéreo e cujos méritos de minha devoção ao idealismo que abracei transcendiam o plano terreno. Eu me sentia superior, insigne, grandioso, soberano... Estranho: isto é o que me mantinha vivo. Aceso!

E era esse pensamento positivo que me fazia tentar suportar com resignação a dor das sessões de torturas físicas e psicológicas. Quem sabe, poderia ser adredeamente morto por um descuido, ou o golpe de um sabre ou de uma faca pontiaguda que talvez eu nem a sentisse entrando na minha barriga já tão pisoteada, esmurrada e agredida por choques elétricos.

A cada segundo tentava me fortalecer mental e espiritualmente no caminho do desconhecido. Podia ser um patibulo ou um cadafalso. Mesmo que fosse um último de segundo que tivesse de resto de minha vida eu procuraria atenuar o possível desfecho drástico com esses pensamentos positivos.

Procura me manter firme. Me sentia superior, o que acentuava a insegurança dos propósitos da polícia. Isso entredava um conjunto de fatos encadeados que constituíam a ação de obra de ficção.

Era uma trama onde a imaginação flana e passava sem grilhões. E isso me levava a recônditos, jamais imaginados e às mais variadas reflexões.

Eu estava livido. Não sentia nenhuma sensação de culpa ou remorso. Não me deixava abater hora nenhuma pela contrariedade de estar ali naquela situação. Pelo contrário, não via mais nenhum adversidade, infelicidade ou infortúnio.

Estava, sim, preparado para a execução. Pronto para a morte.

A adrenalina produzida pelas mais estranhas expectativas, e pela glândula do desconhecido, parecia se fundir à euforia de estar vivendo um momento histórico, quem sabe mágico.

Era como assistir "Z", filme de Costa Gravas e, ao mesmo tempo, participar dele.

Desculpe-me a pretensão, mas os exemplos de Guevara, Fidel Castro e Regis Debrét estavam muito vivos em minha memória. Eu me espelhava neles. Nada de auto-flagelamento, fanatismo ou masoquismo. Tudo me fazia entrar em um turbilhão de pensamentos. E a dor física dos espancamentos eram anuladas por numerosos efeitos no organismo (circulatórios e metabólicos).

A senha para minha "extrema-ungção" e passaporte para a outra vida era a minha vontade de que tudo aquilo que estava passando fosse um exemplo de rebeldia consciente e que os ex-companheiros da USIMINAS constatassem que alguém se lembrou deles no auge e no melhor momento de sua vida, de sua juventude no desejo libertário.